

Quem vai pilotar esse avião?

» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO
Consultor em estratégia

Pesquisa do Instituto Travessia, publicada pelo *Valor*, aponta Bolsonaro e Lula, cada um com 28% de intenções de voto. Porém, quem aparece na frente é o somatório de Outros, com 35%. Ou seja, um terço da população está procurando uma alternativa aos dois líderes da pesquisa. Nesse grupo de 10 nomes, temos Moro (10%), Ciro (8%), Huck (5%), Dória (3%), Rodrigo Maia (3%), Amoêdo (2%), Mandetta (2%), Luiza Trajano (1%), Eduardo Leite (1%) e Alexandre Kalil (0%).

Na pergunta sobre a segunda opção de voto, é curioso ver que 10% dos eleitores de Bolsonaro escolheriam Lula e 7% dos eleitores de Lula optariam por Bolsonaro. Vejam a seguir os três nomes mais citados como segunda opção entre os apoiadores de cada uma das 12 candidaturas pesquisadas: Bolsonaro - Moro (66%), Amoêdo (51%) e Mandetta (48%); Lula — Ciro (51%), Huck (43%) e Maia (27%); Moro — Mandetta (53%), Amoêdo (47%) e Bolsonaro (43%); Ciro — Lula (57%), Mandetta (35%) e Huck (28%); Huck - Lula (52%), Ciro (40%) e Mandetta (37%); Dória — Moro (61%), Mandetta (54%) e Amoêdo (43%); Maia — Mandetta (52%), Ciro (39%) e Moro (35%); Amoêdo — Moro (72%), Trajano (45%) e Mandetta (40%); Mandetta — Moro (66%), Dória (43%) e Maia (33%); Leite - Moro (57%), Amoêdo (40%) e Trajano (38%); Trajano — Moro (42%), Mandetta (36%) e Amoêdo (35%); Kalil — Mandetta (38%), Moro (35%) e Ciro (35%).

Mandetta é citado nove vezes como segunda opção de voto entre as demais 11 candidaturas pesquisadas, seguido de Moro (8 ci-

tações), Amoêdo (5), Ciro (4), Lula (2), Trajano (2), Huck (2), Maia (2) e Bolsonaro (1). Moro é a primeira alternativa entre eleitores de Bolsonaro, Dória, Amoêdo, Mandetta, Leite e Trajano, enquanto Mandetta ocupa essa condição entre eleitores de Moro, Maia e Kalil.

Sem os nomes de Lula e Bolsonaro, a pesquisa ficou assim: Moro (19%), Ciro (13%), Huck (11%), Maia (6%), Dória (5%), Amoêdo (4%), Mandetta (4%), Leite (2%), Trajano (2%), Kalil (1%) e “nenhum deles” (23%).

Também para esses 10 nomes, verificou-se a percepção relativa a algumas características. Considerando-se apenas os três mais citados em cada caso, temos o seguinte: Mais simpático — Huck (23%), Mandetta (21%) e Moro (13%); Mais trabalhador — Mandetta (12%), Dória (11%) e Moro (11%); Mais preparado — Dória (18%), Ciro (15%) e Mandetta (9%); Mais inteligente — Ciro (24%), Dória (14%) e Moro (13%); Mais honesto — Moro (31%), Mandetta (9%) e Amoêdo (9%); Melhor para combater a corrupção — Moro (39%), Amoêdo (8%), Mandetta e Ciro (4%); Mais preparado para resolver o problema da saúde — Mandetta (28%), Dória (18%) e Ciro (8%); Mais preparado para resolver o problema da educação — Ciro (19%), Huck (17%) e Moro (8%); Mais preparado para resolver o problema da segurança — Moro (14%), Ciro (9%) e Dória (9%); Mais preparado para gerar emprego e renda — Ciro (11%), Dória (9%) e Amoêdo (8%).

Outra informação relevante trazida pela pesquisa diz respeito à pergunta sobre qual deve ser a prioridade do próximo presidente que apresentou as seguintes respostas: saúde

(21%), combate à corrupção (20%), geração de emprego e renda (20%), educação (16%), segurança (13%) e assistência social (8%).

Partindo da pesquisa e fazendo alguns cruzamentos, vale a pena destacar certos aspectos. Um deles se refere ao potencial eleitoral das candidaturas que somam 35% das intenções de voto. Neste grupo, salta aos olhos a força do nome de Moro. Desde a divulgação das mensagens hackeadas há dois anos, o ex-juiz passou a ser alvo de contínuos e pesados ataques vindos do Supremo Tribunal Federal (STF), de políticos e partidos de todos os matizes, de bolsonaristas, de lulopetistas e de boa parte da mídia tradicional. Um verdadeiro bombardeio. Ainda assim, ele vem aparecendo como terceiro colocado em inúmeras pesquisas, mesmo sem uma presença ativa na mídia e nas redes sociais. Haja resiliência!

Moro é o potencial candidato que aparece com mais chances de atrair franjas de apoiadores de Bolsonaro descontentes ou arrependidos. Além disso, o combate à corrupção continua sendo prioridade para parcela expressiva da população, aparecendo na pesquisa com índice igual ao tema saúde, mesmo em plena pandemia! E nesse quesito, assim como em honestidade, aparece disparado na frente, estando bem colocado em outras cinco das 10 características pesquisadas.

Cerca de 40% do eleitorado quer um nome diferente dos dois que estão na liderança das pesquisas. Moro pode se credenciar para esse posto. Ele tem uma pista preparada para seu avião taxiar e levantar voo. Resta saber se vai querer assumir a cabine de comando.



Todos por elas

» EVERARDO GUEIROS
Advogado

Celina tinha 8 anos quando, a 255 quilômetros da sua pacata Natal, Myrtes entrou no salão da Faculdade de Direito do Recife para receber o diploma de bacharel em Direito. O ano de 1898 estava acabando, e a moça de 23 anos não imaginava que um dia ela e aquela menina potiguar estariam na mesma trincheira. Myrtes Campos foi a primeira mulher a advogar no Brasil, uma lutadora que demorou sete anos para obter sua licença para advogar.

Celina e Myrtes se encontrariam nos anos 1920, lutando na mesma trincheira: o direito ao voto feminino. Celina Guimarães Viana foi a primeira mulher a conseguir registro como eleitora, em 25 de novembro de 1927. Apesar de cumprir todos os requisitos legais, como comprova o despacho da Justiça potiguar que reconheceu sua condição de exercer o direito ao voto, ela ganhou e não levou. Igual à dona Myrtes com o registro de advogada. Seu recém-conquistado direito de votar acabou revogado pelos poderosos que entendiam que somente os homens poderiam escolher seus representantes. Celina e Myrtes somente puderam votar após a aprovação do Código Eleitoral de 1932, o qual instituiu o voto universal no Brasil.

O que pode parecer simples nos nossos dias, como exercer dignamente a profissão ou votar a cada eleição, foi motivo de muita luta no Brasil. Tenho três filhas e sempre as eduquei para serem independentes e cientes dos seus direitos e deveres. Quero que sejam cidadãs em todos os sentidos. Muitas vezes, as mulheres se tornam independentes, pagam seus impostos em dia e não podem contar com o Estado no momento em que mais precisam.

Costumo comparar esta luta dos séculos 19 e 20 às situações de abuso previstas na Lei Maria da Penha que, mesmo com punições pesadas e a previsão do distanciamento obrigatório por parte do agressor, temos mulheres sendo humilhadas, massacradas, violentadas e assassinadas sem que o Estado seja capaz de impedir com eficiência esse tipo de selvageria.

Em 2018, o então presidente da OAB-DF, Juliano Costa Couto, juntamente com a diretoria, fez com que a entidade apoiasse o movimento He for She (Eles por Elas) da Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres, também integrando a Semana pela Paz em Casa, programa do Conselho Nacional de Justiça em parceria com o Tribunal de Justiça do DF e dos Territórios (TJDFT). Esse movimento foi muito importante para sensibilizar

ainda mais a sociedade e a classe jurídica contra a violência doméstica.

A violência e a segregação contra as mulheres são, muitas vezes, invisíveis. Sabemos, inclusive, que a situação piorou muito durante a pandemia e a necessidade de isolamento social das famílias. Os registros oficiais de 2020 indicam que 105.821 denúncias de violência contra mulheres chegaram até às autoridades, representando cerca de 30% de todas as denúncias de violência. Embora o número deva ser muito maior, pela dificuldade de as mulheres denunciarem seus agressores confinadas em casa.

No ano passado, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) aderiu ao programa He for She, acompanhando a ação pioneira da nossa administração da OAB-DF. Entendo que este tipo de programa que promove a igualdade de gênero, o crescimento profissional e o diálogo deve ser amplo e permanente. Esta consciência do papel de cada cidadão, independentemente de sexo, etnia ou religião, deve ser formada, desde cedo, em cada escola, em cada núcleo familiar, de modo que seja vista não apenas como um avanço nos costumes, mas, acima de tudo, um ativo, uma riqueza, para toda sociedade. Todos por elas. Sempre.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Da competição à colaboração

Para tempos excepcionais, medidas excepcionais. Assim deveriam proceder todos aqueles países que, uma vez tendo dominado a tecnologia e a fórmula biológica, capaz de trazer à luz a vacina contra o vírus da covid-19, abriam mão dessas patentes preciosas e de todo o segredo industrial da produção, em socorro à humanidade nesta hora de desespero para todos. Mais do que um segredo e uma conquista do intelecto, capazes de render altíssimos lucros aos seus detentores e aos laboratórios farmacêuticos, a questão das vacinas ganhou, neste momento específico, uma tal importância e urgência sanitária que qualquer outro conceito de valorização material dessas fórmulas perde seu significado diante do fato de ser essa a única alternativa para bilhões de habitantes do planeta.

Trata-se, como afirmam muitos cientistas, de uma decisão que poderá antepor a ética e os valores humanos, como a dignidade e a vida, contra outros conceitos, como o lucro e o poder. O presidente dos Estados Unidos, onde a vacinação da população é a mais adiantada entre todos os países do Ocidente, já se pronunciou, extraordinariamente, a favor da quebra de patentes de vacinas, numa postura historicamente contrária às adotadas por essa nação, que tem como seus princípios a defesa de todas as suas propriedades intelectuais.

Para que sirva de lição para outros mandatários claudicantes que não enxergam no ensino de qualidade e no incentivo à pesquisa um fator de prosperidade, hoje países ricos em minérios, petróleo e outros ativos primários estão, literalmente, à mercê daquelas nações que, mesmo sem recursos materiais, são capazes de gerar tecnologia de ponta, como é o caso desses remédios providenciais.

Tecnologia, não custa dizer, é hoje o referencial a indicar se um país é ou não rico e próspero. O Brasil, que até há pouco tempo detinha ao menos um conhecimento na administração em massa de vacinas, perdeu terreno nessa importante área da medicina, pela falta de políticas e de incentivos do Estado, cujos cortes nos orçamentos e a pouca valorização das pesquisas nas universidades são a parte mais visível.

Ir contra a ciência em pleno século 21 é muito mais do que uma aposta errada. É suicídio. Mais e mais lideranças, prêmios Nobel e personalidades de todo o mundo estão se unindo numa corrente para que vacinas contra essa virose sejam um bem comum a todos os habitantes da Terra.

Pode ser que essa universalização de esforços para salvar a humanidade seja uma das boas consequências geradas pela pandemia e quarentena mundial, capaz de mudar o referencial da nossa espécie, de competidor insaciável para colaborador solidário.

»» A frase que foi pronunciada

“A maioria das pessoas (cerca de 80%) se recupera da doença sem precisar de tratamento hospitalar.”

Na folha informativa divulgada pela OPAS (Organização Panamericana da Saúde). Veja a íntegra no *Blog do Ari Cunha*

Honra ao mérito

» Comunidade musical de Brasília e de diversas cidades do país e do mundo vibra com o final do doutorado de Néviton Barros. Figura incrível, de uma garra invejável e talento inquestionável. Fica aqui o registro.

Competitiva

» A Maternidade Brasília Dasa, no Sudoeste, está realmente preocupada com a opinião dos pacientes. Uma pessoa da ouvidoria vai pessoalmente quarto por quarto anotar as observações. Coisa rara nesta cidade.

Brasil paralelo

» Produzidos com a participação popular, os documentários e séries disponíveis pelo grupo do Brasil Paralelo são importantíssimos por uma simples razão. São 100% informativos. Vale conferir e se inscrever. Veja mais detalhes no blog do Ari Cunha

Volta

» Ao lado do pacote Pró-Economia divulgado pelo governador, outra iniciativa seria bem-vinda ao brasiliense. Colocar o GDF para voltar ao trabalho. Parques, Detran, viveiros da Novacap, Zoonose e por aí vai.

Cuidado

» Ao contratar o Uber, tenha alguns cuidados. O primeiro é a opção por pagamento em dinheiro. Se não for trocado, dificilmente o motorista terá troco. Fica o impasse. Outro inconveniente de pagar com dinheiro é que o cambalacho é certo. A corrida era R\$15, não havia troco. A ideia foi entregar os R\$ 50 e o cliente teria um crédito. Resultado: a viagem custou o dobro. Veja no *Blog do Ari Cunha*.

»» História de Brasília

Disse o dr. Francisco Mangabeira a amigos, que pior que o incêndio no poço de petróleo da Bahia, é o incêndio da luta interna na Petrobras.

(Publicada em 01.02.1962)